



EIXO TEMÁTICO:

- | | | |
|---|---|--|
| <input checked="" type="checkbox"/> Ambiente e Sustentabilidade | <input type="checkbox"/> Crítica, Documentação e Reflexão | <input type="checkbox"/> Espaço Público e Cidadania |
| <input type="checkbox"/> Habitação e Direito à Cidade | <input type="checkbox"/> Infraestrutura e Mobilidade | <input type="checkbox"/> Novos processos e novas tecnologias |
| <input type="checkbox"/> Patrimônio, Cultura e Identidade | | |

O meio ambiente e a vulnerabilidade de um lugar: A Ilha dos Mineiros, Gutaxindiba, Estado do Rio de Janeiro, uma “Ilha Cultural”

The environment and the vulnerability of a place: Ilha dos Mineiros, Guaxindiba, Rio de Janeiro, a “Cultural Island”

El medio ambiente y la vulnerabilidad de un lugar: Ilha dos Mineiros, Guaxindiba, Rio de Janeiro, una “Isla Cultural”

FERREIRA, Denise Santos Crespo (1);

SILVA, Maria Lais Pereira da (2)

(1) Mestranda, Universidade Federal Fluminense, UFF, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, PPGAU, Niterói, RJ; e-mail: arq.deniseferreira@hotmail.com

(2) Professora Doutora, Universidade Federal Fluminense, UFF, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, PPGAU, Niterói, RJ; e-mail: marialaisp@gmail.com

O meio ambiente e a vulnerabilidade de um lugar: A Ilha dos Mineiros, Guaxindiba, Estado do Rio de Janeiro, uma “Ilha Cultural”

The environment and the vulnerability of a place: Ilha dos Mineiros, Guaxindiba, Rio de Janeiro, a “Cultural Island”

El medio ambiente y la vulnerabilidad de un lugar: Ilha dos Mineiros, Guaxindiba, Rio de Janeiro, una “Isla Cultural”

RESUMO

Num mundo de conceitos e teorias diversos, a paisagem natural de um lugar transforma-se em si a velocidades e em ritmos próprios dela – (por isso, "naturais"). E, ao mesmo tempo em que limita e inibe, é transformada em paisagem cultural pela omissão, reação, ação dos seres humanos desse lugar (e de outros lugares), individualmente ou organizados em sociedades de diversos tipos, a velocidades e em ritmos antrópicos (por isso, chamados "não naturais", "artificiais" ou "culturais"). Com esse pano de fundo, este trabalho tem o objetivo de explorar e integrar fundamentalmente os conceitos de "ambiente" e "paisagem" numa abordagem crítica, para aplicá-los a um lugar que existe (Ilha dos Mineiros), mas que não aparece nas estatísticas do IBGE. Uma ilha cultural, e não natural, cuja identidade é fortemente ancorada numa imagem geográfica.

PALAVRAS-CHAVE: lugar, ambiente, paisagem, Ilha dos Mineiros, ilha cultural

ABSTRACT

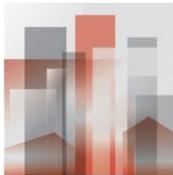
In a world of concepts and various theories, the natural landscape of a place changes itself at a speed and in a her own pace – (so, "naturals"). And, at the same time that limits and inhibits, it is transformed into the cultural landscape by omission, reaction, action of humans of that place (and elsewhere), individually or organized in societies of various types, by anthropogenic speeds and rhythms (for so called "no-natural" or "artificial" or "cultural"). With that background, this paper aims to explore and justifiably integrate the concepts of "environment" and "landscape" in a critical approach, in order to apply them to a place that exists (Ilha dos Mineiros), but that does not appear in the statistics of IBGE. A place that is a cultural non-natural island whose identity is strongly anchored on a geographic image.

KEY-WORDS: Place, Environment, Landscape, Ilha dos Mineiros, Cultural Island

RESUMEN

En un mundo de conceptos y diversas teorías, el paisaje natural de un lugar se convierte en sí mismo en su propias velocidades y ritmos – por eso, "naturales". Y, al mismo tiempo que limita e inhibe, este paisaje se transforma en un paisaje cultural por omisión, reacción y acciones de los seres humanos de este lugar (y de otras partes), de forma individual u organizada en sociedades de diversos tipos, en velocidades y ritmos antrópicos (por lo tanto llamados "no naturales" o "artificiales" o "culturales"). Con estos antecedentes, el presente trabajo tiene como objetivo explorar y justificadamente integrar los conceptos de "ambiente" y de "paisaje" en una aproximación crítica, para aplicarlos a un lugar que existe (Ilha dos Mineiros), pero no aparece en las estadísticas del IBGE. Una isla cultural, y no-natural, cuya identidad está fuertemente anclada en una imagen geográfica.

PALABRAS-CLAVE: lugar, ambiente, paisaje, Ilha dos Mineiros, isla cultural

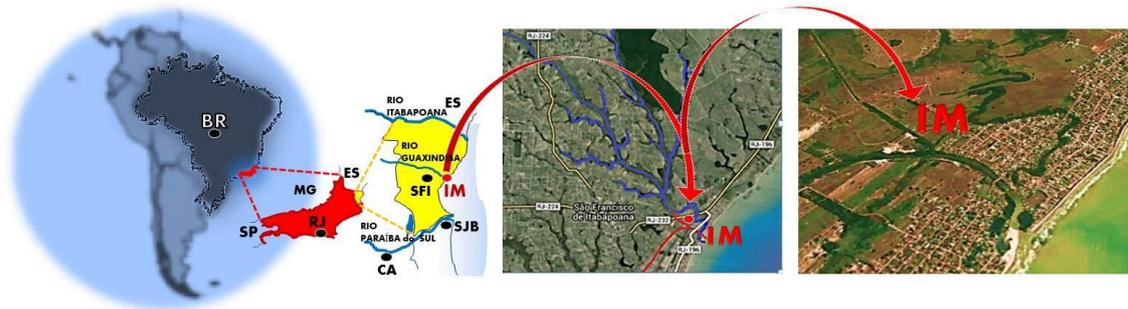


III ENANPARQ

1 INTRODUÇÃO

Os temas “meio ambiente” e “sustentabilidade” envolvem uma questão que remete às condições geográficas e físicas do território e aos aspectos que se relacionam com a construção cultural de um lugar. Neste sentido, o objetivo geral deste trabalho é trazer a reflexão para a formação do que estamos chamando “ilha cultural”, referente ao lugar chamado Ilha dos Mineiros, em Guaxindiba, extremo norte do Estado do Rio de Janeiro, Brasil (figura 1-2).

Figura 1: Situação da Ilha no Brasil, Estado, Município e Local.



Fonte 1: Google Earth, 2014.

Figura 2: Ilha dos Mineiros, parte.



Fonte 2: Noel Júnior, 2008.

Por meio de contatos anteriores, tomou-se conhecimento de uma área que se caracteriza, por um lado, pela fragilidade do seu ambiente e, por outro lado, pela força da sua identidade. Essa área reúne aspectos ligados à construção de um lugar que, sendo social e cultural, se identifica com a imagem de paisagem física de uma ilha, embora tenha nascido de brejo e manguezal numa faixa de restinga. A história da construção dessa ilha indica como a intervenção do poder público construiu um grave problema ambiental e favoreceu uma precariedade na ocupação em ambiente vulnerável. Além disso, trata-se de uma localidade ainda não estudada no plano acadêmico.

Este trabalho integra uma pesquisa mais ampla de dissertação de mestrado que desenvolve um instrumental teórico-conceitual visando a subsídios para futuras possíveis intervenções numa

área que já apresenta vocação para o turismo. O artigo, por sua vez, tem como objetivos específicos descrever alguns aspectos de intervenções do poder público que transformou fisicamente uma área trazendo uma maior vulnerabilidade ambiental e a mudança de uma imagem geográfica: de restinga para ilha. Essa imagem tornou-se presente na caracterização do lugar e do grupo social residente. O trabalho, de caráter exploratório, indica aspectos ainda tentativos destas duas dimensões e estrutura-se da seguinte forma:

O item 2 adianta os conceitos-chave de paisagem e lugar, que formam a base da contextualização teórica. Em seguida, no item 3, apresenta-se a história da construção do lugar com ênfase na sua formação geológica, geográfica e ambiental. Continuando, busca-se indicar as características básicas do grupo social residente e que parece apresentar uma rede estreita de identidade e certa diversificação, entre outros fatores, devido à presença de veranistas. Por fim, são abordadas algumas percepções mais imediatas de caráter exploratório sobre o lugar, em especial por meio dos desenhos e depoimentos de alguns moradores.

Nas considerações finais, ressalta-se o tema da vulnerabilidade e da expectativa do estudo em contribuir com a melhoria da qualidade de vida local por meio de um futuro retorno de seus resultados para o município.

Metodologia

A abordagem deste trabalho busca especialmente as dimensões ligadas à sustentabilidade e ao meio ambiente. Neste sentido, na revisão bibliográfica privilegia-se especialmente os conceitos de paisagem e lugar como eixos centrais na descrição.

Os procedimentos metodológicos utilizados, por sua vez, além de incluírem de forma sistemática observações decorrentes da vivência de uma das autoras na Ilha¹ incluíram a realização de 65 entrevistas com moradores e demais atores locais (lideranças e autoridades públicas), gerando cerca de 130 respostas. As entrevistas englobaram um exercício individual de “Mapa mental”² e de “Poema dos desejos”³, cujos resultados foram utilizados para a análise das percepções mais evidentes, numa primeira aproximação. Essas técnicas foram importantes no sentido de mapear as primeiras impressões do lugar. O detalhamento maior desses procedimentos, bem como os exemplos, encontram-se no item 5.

2 ASPECTOS DOS CONCEITOS DE PAISAGEM E LUGAR PARA ESTUDAR A ILHA DOS MINEIROS

Procura-se aqui, apenas, conceituar paisagem e lugar para, posteriormente, integrá-los no estudo sobre a Ilha dos Mineiros. Primeiro, destacam-se os conceitos de paisagem por Ronai (1977) e Sauer (1925). Em seguida, privilegiam-se os conceitos de lugar por English (1968) e Holzer (2012).

¹ A mestranda Denise Ferreira realizou pesquisa de campo por meio de várias visitas de permanência prolongada no local, utilizando-se de várias técnicas de observação, como explicitado no texto.

² O Mapa Mental (ou Mapa Cognitivo), seguindo o método formulado nos anos 1950 por Kevin Lynch (1982). Segundo Rheingantz *et alii* (2012), a espontaneidade das respostas permite aprofundar o conhecimento e a compreensão dos valores, emoções, afetos, simbolismos presentes nas interações pessoa-ambiente.

³ O “Poema dos Desejos”, desenvolvido por Henry Sanoff, é uma ferramenta teórico-prática que permite que as pessoas declarem suas necessidades, seus sentimentos e desejos relativos ao ambiente analisado, por meio de um conjunto de sentenças escritas ou desenhadas.

Em termos do significado de **paisagem**, Ronai (1977) o coloca em oposição a "território" e, dentre outros, ela é a valorização da pequena escala da espacialidade – esta é uma relação operacional e semiótica, estratégica e ideológica, que uma sociedade ou grupo social tem com o espaço, baseada em mudanças de escala nas relações entre poder, produção e troca.

A paisagem pode ser abordada, também, como uma área composta por uma associação distinta de formas simultaneamente físicas e culturais – em que os fatos da geografia são fatos do lugar, e a associação destes origina o conceito de paisagem, como indica Sauer (1925). É ainda este autor que, no todo de uma determinada paisagem, analisa cada uma das suas partes integradas: a paisagem natural, formada ao longo do tempo por fatores geognósticos e climáticos – clima, terra, mar, litoral e vegetação – e a paisagem cultural, formada ao longo do tempo pelo fator cultura humana e usando como meio a própria paisagem natural – população, habitação, produção e comunicação.

Dos atributos da paisagem como um todo, referidos por Sauer (1925), destacam-se estes três: uma identidade; um conteúdo algo menor do que o todo de seus componentes visíveis e qualidades físicas determinadas a partir de um valor de *habitat* humano de interesse local; e uma divisão em paisagens naturais (como expressão qualitativa do lugar) e paisagens culturais (a marca da ação do homem nesse lugar ou a cultura como expressão geográfica) ligadas entre si numa unidade geográfica. Tal como a identidade, o interesse próprio e a cultura da Ilha dos Mineiros.

Quanto a **lugar**, para Holzer (2012), trata-se da experiência intersubjetiva de espaço (mundo) nestes fundamentos: as distâncias e direções a serem vencidas fisicamente ou na imaginação sobre um determinado "suporte" ao qual se pode chamar espaço geográfico; a partir de vivências cotidianas, o lugar constitui-se como um centro de significados e como um "intervalo"; finalmente é onde se experimenta intensamente a geograficidade proposta por Dardel (*apud* Holzer, 2012).

Essa geograficidade trata do conteúdo existencial do ser humano na sua relação com determinado espaço terrestre e, à medida que esse ser humano se apropria deste espaço, este, a partir da fixação de distâncias, torna-se [seu] "mundo" – onde os marcos referenciais são o corpo e matéria em que esse ser humano se apoia.

Assim, no final desse processo de apropriação, o espaço primitivo torna-se um lugar.

Entretanto, para English (1968, tradução livre), entre o ambiente (agente ativo, na ótica dos "deterministas ambientalistas", *darwinianos*) e o ser humano (agente ativo, para os "deterministas culturais", como Sauer), existe uma caixa-preta (**cultura**) por onde deve fluir a relação entre ambiente e ser humano (e não aquelas duas posições universais, deterministas e unidirecionais de agente ativo exclusivo, de uma ou outra ótica, natural ou cultural).

Segundo English (1968, p.199, tradução livre), cultura implica duas assertivas, simples e corretas: "o ser humano interpreta o seu ambiente através de sua cultura"; ou "o ambiente é alterado pelo ser humano através de sua cultura".

Assim, tanto a população da Ilha dos Mineiros interpreta o seu ambiente através de sua cultura quanto o ambiente da Ilha dos Mineiros é alterado pela ação humana através da sua cultura.

Portanto, os autores acima trazem elementos que caracterizam a chamada identidade e cultura como assertivos históricos de lugar.

3 A HISTÓRIA E A VULNERABILIDADE DA ILHA DOS MINEIROS

A Ilha dos Mineiros, seccionada pelas estradas estaduais RJ 232 e RJ 196, ocupa cerca de 110 hectares de área pouco densa e de aspecto rústico, com cerca de 3.000 habitantes e 5,93 km da sede municipal. Trata-se de um bairro da pequena localidade de Guaxindiba, no jovem município de São Francisco de Itabapoana, no extremo norte do Estado do Rio de Janeiro.

Esse município, hoje com 41.357 habitantes (IBGE, 2010), foi desanexado de São João da Barra em 1995. É o quarto maior, em território, do Estado (1.117 km²). Segundo Soffiati (2009, p. 2), é constituído por três unidades geológicas: uma pequena parte de Planalto Pré-Cambriano; outra grande parte de Barreiras ou Tabuleiro; e ainda outra pequena parte em forma de arco, de restinga holocênica integrante da maior restinga do Estado do Rio de Janeiro, de drenagem natural, que abriga hoje o Parque Nacional da Restinga de Jurubatiba (figura 3).



Fonte 3: Soffiati, 2009.

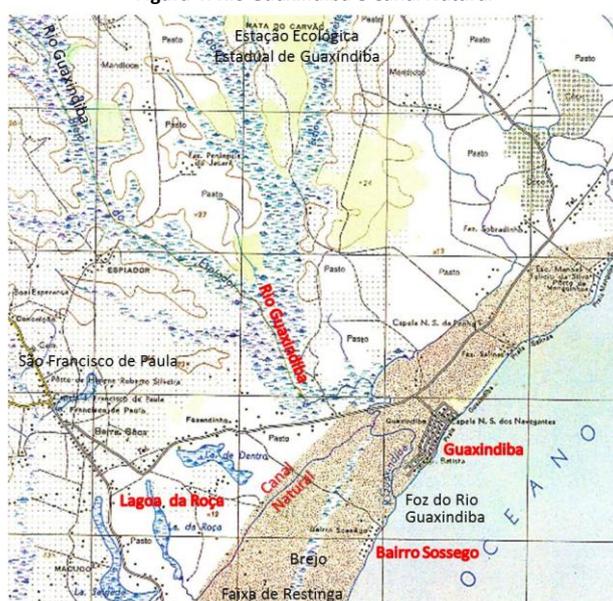
Nesta zona de restinga, segundo Soffiati (2009, p. 3), a topografia é baixa, de solo pobre, e nas desembocaduras dos afluentes encontra-se uma formação pioneira expressiva de vegetação especializada, com influência fluviomarinha, bastante conhecida como manguezal, adaptada à salinidade das águas. Esse município é cortado praticamente ao meio por um único rio, o Guaxindiba, que nasce em Campos dos Goytacazes. Esse rio percorre aquelas três unidades geológicas, mas, ao atravessar a zona de restinga, seu curso é reduzido, conferindo-lhe uma forma bem sinuosa, até desembocar no Oceano Atlântico, em forma de arco, na praia de Guaxindiba.

O rio Guaxindiba possui uma barra muito estável (segundo ainda Soffiati) e sua bacia é constituída por muitos pequenos afluentes que lhe conferem uma fisionomia semelhante a

uma árvore com uma grande copa “penteadada” pelo vento (MENEZES, C., *apud* SOFFIATI, 2009), e por um único canal natural proveniente da Lagoa da Roça (figura 4).

Originalmente instalou-se na praia de Guaxindiba uma comunidade de pescadores e um estaleiro de barcos pesqueiros, enquanto na praia de Sossego emergiam, timidamente, casas esparsas de veraneio. Nessa ocasião não existia a Ilha dos Mineiros, havia apenas uma restinga natural, baixa e alagável, por onde serpenteava o rio Guaxindiba na sua forma natural e um canal natural da Lagoa da Roça ao rio Guaxindiba (figura 4). Mas, a partir da década de 1950, esse lugar sofreu processo de parcelamento de característica urbana voltada para fins de veraneio e drenagens – obras de saneamento, tendo o censo de 1970 registrado 868 habitantes.

Figura 4: Rio Guaxindiba e Canal Natural



Fonte 4: IBGE, 1968

Por outro lado, o historiador local Roberto Pinheiro Acruche,⁴ escreveu que fez parte da história de São Francisco de Itabapoana em muitos projetos que visaram ao crescimento e ao desenvolvimento do município, e adianta algumas características sociais e políticas. Ele ressalta o significativo contingente populacional já existente e destaca o cooperativismo – a começar pela Cooperativa dos Pescadores em 1969 – como “a verdadeira alavanca do desenvolvimento da região”. Outro significativo aspecto da ocupação foi a construção da estrada São Francisco–Gargaú, margeando o litoral, que intensificou inúmeros loteamentos e construções para veraneio, especialmente de veranistas de Muriaé, MG (SECPLAN/RJ, 1979, p. 49).

Acruche acentua ainda que a Constituição de 1988 marcou o início do movimento emancipacionista e destaca a importância do plebiscito em 1993 – tendo participado da “campanha do sim”– na criação do município de São Francisco de Itabapoana, em 1995. Participou da elaboração de importantes projetos, obras e leis municipais, realizados e a realizar, entre estes, a Lei nº 228 de 10/10/2006 – Plano Diretor Participativo de São Francisco de Itabapoana – e o projeto habitacional de 18 casas da Ilha dos Mineiros, em que a casa modelo foi construída pelos participantes do Curso de Técnicas de Construção Civil de

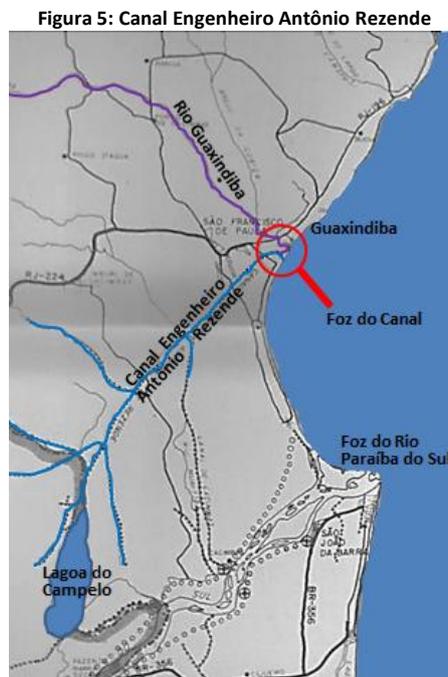
⁴ Intelectual, atual presidente da Academia de Letras Pedralvas.

Habitação, quando foi Secretário de Planejamento, em 2001 (ACRUCHE, 2002, p. 262).

3 A RESTINGA QUE VIROU ILHA

Segundo Cano (2003), o processo de urbanização brasileiro começa a tomar vulto nas décadas de 1940 e 1950. Nessa época, a grande contribuição para o surgimento da Ilha dos Mineiros como ilha cultural foi dada pelo poder público.

Soffiati (2011, p. 12-13) indica que, entre 1935 e 1975, o Departamento de Obras e Saneamento (DNOS) realizou grandes obras de arte de infraestrutura e saneamento, com diques, canais, dragagem e rebaixamento de leitos de rios, em áreas frequentemente inundadas, nessa grande parte da faixa de restinga, beneficiando especialmente os agropecuaristas. Nos anos 1970, o DNOS abriu o canal Engenheiro Antônio Rezende (Figura 5)



Fonte 5: SECPLAN/RJ, 1979.

envolvendo a lagoa do Campelo e o canal de Cacimbas ligando-os ao mar servindo-se da foz do rio Guaxindiba, travestindo esse rio em afluyente, Soffiati (2011, p. 21 e 25) e SECPLAN/RJ (1979, p. 42). Essa obra de grande vulto afetou o curso e a foz natural desse pequeno rio, empobreceu a complexidade ecológica do lugar e criou o primeiro limite físico na área deste estudo.

Essa drenagem ocasionou uma escassez de água, o que levou os agropecuaristas a erguerem barragem nos pequenos rios para represá-la. Destaca-se que, para sanar essa falta em terras particulares (ruralistas), o DNOS fez algumas obras de reparo.

Assim, para drenar o Brejo Espiador, em depressão do rio Guaxindiba, o DNOS abriu o canal Guaxindiba (figura 6) – equipado com uma comporta sob a RJ 232, com problemas de vazão –, que liga o Rio Guaxindiba ao canal Engenheiro Antônio Rezende, em área considerada de

preservação permanente (Lei Federal nº 4.771/65), Soffiati (2011, p. 12-13). Dessa forma empobreceu mais ainda a complexidade ecológica do lugar e criou o segundo limite físico na área deste estudo.

Para ligar Guaxindiba a Sossego pela orla, o poder público construiu mais uma obra de arte nessa ilha, um trecho da RJ 196 (figura 6), sobre um charco da Ilha dos Mineiros.

Figura 6: Ilha dos Mineiros



Fonte 6: IBGE, 2014.

Contrariamente às prováveis "boas intenções" do Estado, tais obras de arte do poder público inauguraram graves problemas ambientais e favoreceram a ocupação precária desse lugar vulnerável, transformando uma porção de restinga natural em "ilha cultural".

4 A ILHA DOS MINEIROS

A população da Ilha dos Mineiros, em geral, passou (e passa) da condição rural para a urbana, tendo migrado de dentro e de fora do município.

De acordo com informações que constam do Projeto Técnico de Trabalho Social de 2008 da Prefeitura Municipal de São Francisco de Itabapoana (PMSFI) e dados colhidos durante a pesquisa etnográfica, a população da Ilha dos Mineiros apresenta as seguintes características: renda familiar em torno de um salário mínimo; exercício de atividades diversificadas, como pesca, biscates, serviços domésticos, serventes de pedreiro e serviços gerais; baixa

escolaridade, correspondente à terceira série do ensino fundamental; a composição familiar é de três filhos na maioria dos casos.⁵

Essa população aparenta ter um estilo de vida simples e solidário, enquanto trabalha em condições precárias, na informalidade, com renda incerta e exposta a fatores de risco, como alagamentos, insalubridades, poluição, tráfico de drogas, entre outros (figura 7).

Figura 7: Habitação, Estaleiro e Espaço Público insalubre.



Fonte 7: Denise Ferreira, 2010.

Essa pesquisa confirmou ainda o exercício de atividades diversificadas não só do poder público como dos proprietários fundiários, proprietários dos meios de produção do pescado e ordens religiosas, havendo, inclusive, certa atividade de promoção imobiliária, dentro e fora do município (figura 8).

Figura 8: Promoção Imobiliária



Fonte 8: Denise Ferreira, 2013.

⁵ A partir de dados coletados por Denise Ferreira na sua pesquisa de campo (entrevistas e documentos fornecidos localmente)

Observa-se, ainda, empresas da construção civil, empreiteiras e depósitos de material de construção; no setor de comércio, marcenarias, minimercados, boutiques de roupas, brechó (roupas usadas) e venda de "sacolés"; no setor de serviços, oficinas de bicicleta, costureiras e manicures, bem como o Centro de Referência de Assistência Social da PMSFI, em atividade, e estaleiro naval precário, com extensão do seu canteiro de obras no espaço público, (figura 9), e outros.

Figura 9: Estaleiro Naval.



Fonte 9: Denise Ferreira, 2010.

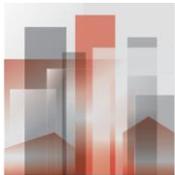
5 PERCEPÇÕES E DEPOIMENTOS DE PARTE DA POPULAÇÃO

A pesquisa etnográfica aprofundou o estudo exploratório anterior ao recolher dados dos residentes da Ilha dos Mineiros e de parte representativa da liderança local.

Dentre os resultados mais significativos do ponto de vista das percepções mais imediatas, destacamos algumas respostas que nos forneceram indícios sobre os desejos e necessidades daquele local. As percepções foram obtidas e registradas, mediante o uso combinado de dois instrumentos de avaliação pós-ocupacional para cada respondente: um "Mapa mental" e um "Poema dos desejos", aplicados à casa, ao ambiente e ao lugar.

Na aplicação desse mapa (RHEINGANTZ *et alii*, 2012), – contendo um mínimo de instruções sobre o tipo de elementos ou informações –, estimulou-se cada respondente a usar material colorido e solicitou-se a cada um que desenhasse de memória, em folha de papel branco, determinado ambiente utilizado ou frequentado regularmente por ele, no caso, partindo da expressão "A minha casa é assim..."; "O ambiente da Ilha dos Mineiros é assim..."; e "A Ilha dos Mineiros é assim...".

Da compilação, análise e estruturação daqueles registros (escritos e desenhados), esperava-se 130 respostas das 65 pessoas entrevistadas – 37 pessoas do gênero feminino (56,923 %) e 28 do gênero masculino (43,077 %). Mas verificou-se que 16 respostas ficaram em branco.



III ENANPARO

O "poema" desenvolveu-se a partir da expressão "Gostaria que a minha casa fosse assim..."; "Que o ambiente da Ilha dos Mineiros fosse assim"; e "Que Ilha dos Mineiros fosse assim..." fazendo a ligação entre "o que é" e "o que deveria ser" aplicados (como já indicado acima) à casa, ao ambiente e ao lugar. Exemplos (figuras 10,11, 12).

Figura 10: Mapa mental e Poema dos Desejos - Casa.



Fonte 10: Respondente nº 17 (7 anos), 2013.

Figura 11: Mapa mental e Poema dos Desejos - Ambiente.



Fonte 3: Respondente nº 60 (10 anos), 2013.

Figura 12: Mapa mental e Poema dos Desejos - Lugar.

A Ilha dos Mineiros é assim ...

Carência de segurança. minha esposa foi assaltada, cedendo, 5h 30min. Eu tinha acabado de sair para a roça. Enquanto ela estava a casa, a porta estava aberta, o portão também o rapaz dropado já estava dentro de casa pediu dinheiro, ela disse que não tinha, ele perguntou: nemo do pão? resultou a cara amarela a tv. plasma p/ levar, foi estas que ela lembrou-te de algum dinheiro guardado, entregou tudo, 300 reais. Ela a agradeceu com ameaças...

Aqui não há água potável, iluminar-se suficiente, lazer, parque, quadra de futebol, as ruas têm muitos buracos, não são pavimentadas - só há uma, a R5.

não há posto policial, no verão é muito movimento, entrada e saída (porta) de drogas. Poucas árvores de sombra, ponte de madeira mal cuidada, insegura, curta, mal iluminada.

Eu gostaria que a Ilha dos Mineiros fosse assim ...

Que a ponte tenha qualidade, segura e iluminada.

Que as ruas e todas as calçadas, que não estejam bem e que não tenham, que tenham!

Que a Ilha fique com mais qualidade de para quem mora.

Fonte 12: Respondente nº 55 (57 anos), 2013. Transcrição na íntegra por Denise Ferreira.

Um fato a observar é que, das 65 pessoas entrevistadas, apenas 2 nasceram na Ilha dos Mineiros. Por outro lado, o dado de que 22 residentes nasceram em Campos dos Goytacazes deve ser melhor analisado, porque muitos residentes vão ter seus filhos em hospitais de referência situados naquele município. Segundo as respostas, nenhum nasceu no Estado de Minas Gerais e há um número significativo de 18 pessoas que não informou o seu lugar de nascimento. Aparentemente uma das possíveis versões para o nome Ilha dos Mineiros é referente à preferência da região por veranistas daquele Estado.

Notou-se ainda que, na maioria das respostas (Mapas e Poemas), o foco de preocupação dos respectivos respondentes **é a casa onde habitam**. Trata-se da percepção tanto da experiência de viver quanto do que desejam, e que aparenta ser o campo de onde partem as indicações sobre a vulnerabilidade do lugar.

Observou-se, finalmente, que, das categorias urbano-arquitetônicas consideradas preponderantes, a que mais se destacou foi a do tamanho da habitação: a casa é sempre considerada pequena e são explicitadas questões como falta de infraestrutura, desenho da planta, problemas com infiltrações e deficiência no planejamento e na construção. Destacam-se, ainda, pela ordem, a referência às vias de acesso mal iluminadas, não pavimentadas, com muitos buracos, mato, lixos, sem definição entre passeio e rua; limpeza pública com coleta irregular de lixo; e finalmente espaços de entretenimento – há apenas um campo de futebol em condições precárias.

O sentido de pertença aparece nas referências positivas que fazem os moradores declarando o prazer no viver e desfrutar desse lugar agradável, realizando uma contraposição às questões relacionadas à vulnerabilidade.

Além das respostas acima foram colhidos depoimentos de residentes com posições de maior destaque: um pescador influente; um proprietário do estaleiro naval; um pastor de congregação evangélica; e uma proprietária de uma habitação. Eles apontaram a relevância da pesquisa ressaltando suas expectativas numa melhoria da qualidade de vida ao evidenciar ao poder público as questões locais. Destacaram ainda que nunca houve estudos sobre a Ilha.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Ilha dos Mineiros foi construída pela lógica de Estado e pela lógica do Mercado, e tem sido aproveitada pela lógica da Necessidade de pessoas lutando para sobreviver (nas categorias de Abramo, 2011). Esta sobrevivência coloca em risco as próprias vidas, bens e fontes de renda. A vulnerabilidade aparece nas percepções para as próprias moradias, bairro e *habitat*. Nela, não foi feito um percurso conjunto, segundo Limena (2001, p. 37), de Ética, Estética e Política.

Ressaltamos a particularidade da Ilha dos Mineiros enquanto um lugar sociocultural que, apesar das vicissitudes e vulnerabilidades ambientais, apresenta uma identidade fortemente ancorada numa imagem geográfica e reflete a preocupação fundamental dos residentes relativamente à casa onde habitam. Mas, conforme visto, há uma percepção positiva dos moradores no que diz respeito à sua ligação afetiva com o lugar. Isso parece ter ocorrido na medida em que, apesar das intervenções que criaram uma “ilha” de precariedade ambiental numa restinga, esta consolidou-se como um lugar.

Finalmente, numa referência a um dos objetivos da pesquisa mais ampla, no sentido de contribuir para a população e o poder Público Municipal e fundamentar futuras ações políticas que viabilizem melhorias do ambiente, das casas precárias, há que indicar pelo menos uma iniciativa aparentemente positiva: o projeto da Vila dos Pescadores, que busca minimizar a ocorrência de impactos ambientais decorrentes da ação antrópica indiscriminada. Portanto, apesar dos resultados iniciais aqui sintetizados, acredita-se, como Botelho (2005, p. 293), que é menos oneroso e mais adequado à população e ao meio ambiente, uma “postura preventiva” que se anteponha e se sobreponha a uma “postura curativa”.

Esta é, entretanto, uma “história mais ampla, ainda a ser aprofundada”.

REFERÊNCIAS

- ABRAMO, P. O mercado de solo informal em favelas e a mobilidade residencial dos pobres nas grandes cidades brasileiras: Notas para delimitar um objeto de estudo. In: Território e Planejamento: 40 anos de PUR/UFRJ. NATAL, Jorge Luiz Alves (Org). 1ª ed. R.Janeiro: Letra Capital, IPPUR, 2011.
- ACRUCHE, R. P. *Apontamentos para a história de São Francisco de Itabapoana*. Campos dos Goytacazes: Gráfica Editora Ltda, 2002.
- ENGLISH, P. W. *Landscape, ecosystem, and the environmental perception: concepts in cultural geography*. The Journal of Geography, 1968.
- GUERRA, A. J. T.; SILVA A. S.; BOTELHO, R. G. M. (org.). *Erosão e conservação dos solos: conceitos, temas e aplicações*. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- GONÇALVES, M. F.; BRANDÃO, A. C.; GALVÃO, A. C. F. Da crise ao caos urbano. In: *Regiões e cidades, cidades nas regiões*. O desafio urbano-regional. S.Paulo: UNESP: AMPUR, 2003.
- HOLZER, W. *A Geografia humanista: sua trajetória de 1950-1990*. Rio de Janeiro: UFRJ/IGEO, 1992.
- LAMEGO, A. R. *O Homem e a restinga*. 2. ed. Rio de Janeiro: Lidador, 1974.



- LIMENA, M.M.C. *Cidades complexas no Século XXI: cidade, técnica e arte*. São Paulo: Perspectiva, 2001 (jul/set).
- LYNCH, K. *A imagem da Cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1982.
- RHEINGANTZ, P. A. *et alli*; RHEINGANTZ, P. A. (org.). *Observando a Qualidade do Lugar: Procedimentos para a avaliação pós-ocupação*. Rio de Janeiro: UFRJ/FAU/PROARQ. Disponível em:
<http://www.fau.ufrj.br/prolugar/arq_pdf/livros/obs_a_qua_lugar.pdf> Acesso em: 22/02/2012.
- MARANDOLA JR., E.; HOLZER, W.; OLIVEIRA, L. *Qual o espaço do lugar?: Geografia, epistemologia, fenomenologia*. São Paulo: Perspectiva, 2012.
- RONAI, M. *Paysages II*. HÉRODOTE. 1977 (7).
- SAUER, C. I. O. A Morfologia da Paisagem. 1925. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (org). *Paisagem, tempo e cultura*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1998.
- SECLPLAN-RJ, 1979. Planejamento Físico e Territorial do Município de São João da Barra.
- SOFFIATI, A. *Parecer sobre as Condições Ambientais do Município de São Francisco de Itabapoana – Campos dos Goytacazes: 5/03/2009*.
- _____. *Visões Transdisciplinares sobre Ambiente e Sociedade: Gerenciamento ecológico dos canais do Norte Fluminense*. Rio de Janeiro: Revista VITAS, n.1(set), 2011. Disponível em:
<http://www.uff.br/revistavitas>.